

# A INDUSTRIALIZAÇÃO E AS TECNOLOGIAS DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX

PROF. MA. MÁRCIA PINTO

Resumo: A conexão entre virtuosismo moral feminino e higiene doméstica é um fenômeno que relaciona produtos industrializados e comportamento humano, assinalando a imposição burguesa e promovendo a distinção social. A decoração do lar deveria expressar o caráter pessoal da dona da casa: tal pressão social difundiu o fascínio pela aparência, o estudo dos mínimos detalhes, o grande esforço para a apresentação de imagens satisfatórias que as donas de casa impuseram-se. Desenvolvimento tecnológico, expansão social da classe média (sem criados), primazia da higiene e da funcionalidade dos equipamentos do lar provocaram a inversão do centro de interesse dos lares: não mais a da sala de estar ou costura e sim a cozinha e a limpeza passam ao centro de atenção do ambiente doméstico.

Palavras-chave: Higiene doméstica. Decoração. Equipamentos domésticos.

## **A mulher, o moralismo vitoriano e a aspepsia virtuosa.**

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando se consolida a industrialização como *modus operandi* da sociedade urbana, a casa, o espaço interior, vai seguir sua vocação de separar física e emocionalmente, os indivíduos do seu local de trabalho.

É óbvio que as fábricas são o resultado de uma revolução ambiental mas raramente pensamos que os lares, tal como o conhecemos hoje, são uma criação da mesma revolução. Antes, a maior parte da produção e do comércio era realizada nas residências dos artesãos, comerciantes ou profissionais envolvidos, e compreendia-se a casa como o lugar que incorporava o trabalho às atividades de morar, comer, dormir e assim por diante. Porém, quando o trabalho produtivo foi removido para as fábricas, escritórios ou lojas, o lar tornou-se um lugar exclusivamente para comer, dormir, criar filhos e desfrutar do ócio. A casa adquiriu um caráter novo e diferenciado, que foi vividamente representado em sua decoração e no design de seus objetos. (FORTY, 2007: 137-138).

Não só o atendimento às demandas de socialização das massas e seu acesso aos bens de produção e consumo exigiram novas relações. A burguesia do século XIX impôs valores, procurando dar à vida familiar uma importância sem precedentes; o declínio da vida pública no século XVIII, o recuo no convívio e conversas livres em jardins, cafés e teatros são o desdobramento das novas circunstâncias de urbanização.

As noções do que é apropriado e, portanto, belo no lar deram forma ao design de artigos para o uso doméstico. Porém a relação também funciona na direção oposta: ao mesmo tempo em que se conforma ao consenso do gosto, o design diz às pessoas o que elas devem pensar sobre a casa e como devem comportar-se dentro dela.. (FORTY, 2007: 132)

Segundo FORTY (2007), estabelece-se, fortemente, a conexão entre virtude feminina e a casa. A partir da década de 1860, mulheres profissionalizam-se e o que antes era “resolvido” por tapeceiros e estofadores passa a ser competência técnica e pessoal de decoradores (as) independentes:

À medida que os ambientes domésticos passaram a ser considerados sinais do caráter de seus ocupantes, as pessoas começaram a se esforçar para apresentar uma imagem satisfatória delas mesmas. O conselho oferecido em manuais e revistas de decoração do lar baseava-se no pressuposto de que a mobília indicava personalidade, enquanto o comércio de móveis se aproveitava do fato de que seus clientes estavam comprando o que era considerado uma imagem deles mesmos. Privadas de outras maneiras de expressar suas personalidades, as pessoas foram procurar uma *persona* nos catálogos dos móveis residenciais. (FORTY, 2007: 137-138).

Para a classe social abastada européia do séc. XIX, *lar* significava sentimento, sinceridade, honestidade, verdade, amor. Esse “divórcio” forçado entre defeitos e virtudes no lar, como *observariam Sigmund Freud e Joseph Breuer na década de 1890, propiciaram o clima para a histeria, um dos males mais comuns das mulheres burguesas do séc. XIX.* (FORTY, 2007: 140).

As mulheres desempenhavam “papéis” dentro do lar: especialmente separando do mundo doméstico qualquer alusão ao trabalho: o ócio é que imperava (ou assim devia). O lar devia ser a antítese do trabalho; assim, as casas deviam ser mais coloridas, tonalidades leves, aristocráticas. Os escritórios deviam então ser mobiliados com austeridade, superfícies duras, cores utilitárias.

Desde a metade do século XIX, as casas (melhor dizendo, os lares) na cultura anglo-saxônica deveriam expressar a “personalidade” das mulheres e as condições materiais da sociedade moderna tomaram esta associação especialmente forte. Uma vez excluídas da vida pública, da urbe, de todas as formas de trabalho, as mulheres burguesas administravam e adornavam os lares (só as solteiras podiam trabalhar como enfermeiras ou governantas).

A partir da década de 1860, a composição do espaço doméstico (móveis, objetos, diagramação) tornou-se uma atividade assumida pelas mulheres, uma atividade até mesmo esperada pela classe burguesa de que as mulheres da classe dominante e sua “sensibilidade” pudessem se responsabilizar pela tarefa como fuga do ócio forçado: manuais ofereciam muitos conselhos para a decoração de ambientes, paredes e mobiliário. A ideia de que a decoração do lar expressava o caráter pessoal da dona da casa difundiu o fascínio pela aparência, o estudo dos mínimos detalhes, o grande esforço para a apresentação de imagens satisfatórias de si mesmas: *as pressões sobre as mulheres para participarem dessa charada burguesa eram com consideráveis.* (FORTY, 2007: 146).

Privadas de outras maneiras de expressar suas personalidades publicamente, as pessoas foram procurar uma *persona* nos catálogos de móveis residenciais. E nesse ponto se estabelece o paradoxo: como compatibilizar preceitos e recomendações dos catálogos com a individualidade extrema que os lares “devem” apresentar?

### **O lar eficiente e as utilidades domésticas**

A burguesia do século XIX procurava dar à vida familiar, a casa, uma importância sem precedentes, um virtuosismo moral típico do fervor religioso e da austeridade protestante: isso também está associado à crença de que a beleza e a higiene da vida da família no ambiente doméstico cunhavam nos indivíduos uma moral benéfica. É então com a aristocracia cosmopolita da próspera Inglaterra vitoriana da primeira metade do século XIX que, pela preservação da religiosidade que não era mais de frequência rigorosa às igrejas, o lar passa a ocupar a condição de “céu”, de santidade, longe e livre (física e emocionalmente) das preocupações do mundo do trabalho e das tentações mundanas.

A aparência um tanto pesada, sub-renascentista da primeira mobília vitoriana foi substituída por um estilo um pouco mais simples, sob o impacto do renascimento religioso da metade do século e dos reformadores do design associados ao Movimento de Artes e Ofícios. (FORTY, 2007: 151)

Na passagem dos séculos XIX para o XX podemos afirmar que se dá a mudança do conceito de lar como sinal de caráter e virtude e seu papel principal passa a ser fonte de bem estar físico. Não só a aparência dos cômodos e seu móveis mudam, mas outras diferenças surgem em outros aspectos subjacentes das casas: a sala de visitas, estar e jantar não mais será o ambiente de maior dedicação dos investimentos de decoração, mais a cozinha e o banheiro é que receberão mais atenção do que até então.

A nova realidade social que a expansão da classe média sem criados apresenta é a de que a higiene e a funcionalidade dos equipamentos substituíram as instruções sobre costura e virtudes cristãs. *Na prática, isso foi simbolizado pela inversão das papéis entre a salas e a cozinha como o centro da casa. A mudança aconteceu em ambos os lados do Atlântico nas duas primeiras metades do século XX.* (FORTY, 2007: 157)

O crescimento da indústria influencia deveras a conformação dos lares. Os fabricantes de utensílios domésticos dão, ao tecido social, o que é importante no contexto de aumento constante da propriedade privada como forma dominante de posses durante todo o séc. XX: **coisas**<sup>1</sup>. As condições de moradia e

---

<sup>1</sup> **Marcia Pinto da Silva**, Licenciada em Artes Plásticas pelo IA/UNESP (1989), Especialista em Interdisciplinaridade em Educação pela PUC/SP (1997), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu (2013); professora e coordenadora de Curso de Nível Técnico em Design de Interiores da ETEC Carlos de Campos (desde

domésticas são entendidas como um trunfo nacional: os cuidados maternos de higiene e saúde são o mais seguro controle de saúde pública. São criadas escolas para educação de mães em puericultura e trabalhos domésticos: *a família era a base da nação e o dever de aperfeiçoar suas condições estava nas mãos dos pais, especialmente das mães.* (FORTY, 2007: 160). Entre as décadas de 1920 e 1930, a higiene pessoal e no lar atingiram a mais alta expressão: pias e banheiras esmaltadas, o design do banheiro reflete o valor atribuído à higiene com paredes azulejadas, acessórios cromados, acabamentos rijos e brilhantes.

A busca pela higiene e a eficiência do trabalho doméstico na educação e nutrição dos filhos, passam a ser uma campanha política com abordagem estimulada pelas escolas de ciência doméstica para o que era conhecido como “trabalho no lar”. As indústrias criaram uma demanda por equipamentos e aparelhos de limpeza e facilitação do trabalho doméstico: os fabricantes se aproveitaram da intensificação do senso de responsabilidade das mães e da escassez de criados. Entre 1920 e 1950, as características recorrentes da casa que economiza trabalho – água quente e fria encanada em todos os andares, elevador para transportar comida e frisos livres de pó – eram todos meios de reduzir o trabalho doméstico.

A melhor aparência do lar passa a ser a que permitir à dona de casa cuidar com mais eficiência de seus filhos provendo e promovendo a saúde da família. Por mais que a individualidade e a virtude pessoal de cada dona de casa pudessem ser expressas com o arranjo de sua mobília e itens de decoração doméstica, as mulheres se veem oprimidas e constrangidas pela indústria de equipamentos e utensílios, que em algumas medidas, lhes impõe obrigações e determinam assim seu papel de donas de casa e mães. Se por um lado o lar é o local de inalienável liberdade individual e afirmação pessoal, por outro o valor do individualismo nada significa quando as mulheres, protagonistas de uma engrenagem industrial, são compelidas ao consumo das ideias dominantes de higiene e eficiência da modernidade.

### **Higiene e beleza como valores de superioridade social**

Na virada do século XIX para o XX, a redução do número de mortes por doenças infecciosas deveria ser preocupação de toda a sociedade como almejavam os reformistas sociais. Movimentos de saúde pelas décadas de 1840 e 1850 concentraram-se nas melhorias sanitárias e objetivavam reduzir a incidência da tuberculose (como havia sido conseguido como tifo e a cólera). Nessa época, a teoria miasmática

---

1995) e professora do Curso em Nível Superior, Bacharelado em Design de Interiores do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (desde 1997).

(combustão espontânea de odores fétidos - ar estagnado – oriundos de material orgânico em putrefação nos lençóis freáticos contaminados<sup>2</sup>) ainda estava em vigor e a única maneira de evitar as moléstias era manter uma ventilação constante.

Mesmo sendo difícil indicar razões conclusivas de por que a limpeza passou a importar tanto na virada do século XIX ao XX, muito pode ser atribuído à adoção por parte da classe média de um dispositivo social de grande alcance e de segurança mesmo psicológica proporcionada pela assepsia total do ambiente doméstico.

O cultivar de hábitos de limpeza por parte da classe trabalhadora também apresentava a perspectiva de controle social por parte da classe dominante. Na década de 1890, já consolidada a teoria microbiana, tudo que pudesse carregar germes (moscas, mãos sujas, poeira especialmente) estava ligado à transmissão de doenças e o único caminho de longo alcance era a educação. “Foi somente quando anunciantes, designers e fabricantes começaram a usar imagens de higiene que o público em geral assimilou plenamente as lições que os higienistas vinham dando” (FORTY, 2007: 221)

A partir da década de 1930, banheiros ganham uma combinação sofisticada e harmoniosa de acessórios, diferenciando o predomínio de branco exigido nos ambientes hospitalares desde meados de 1890, que igualava os banheiros da classe média e operária.

Os higienistas provocaram, como já foi mencionado, uma ansiedade sem precedentes na população em geral, estabelecendo em uma relação direta que entre cada traço de sujeira correspondia uma moléstia em potencial. O trabalho doméstico e a limpeza ganharam, de fato, enorme significação emocional e comportamental e essa é uma base importante para a relação entre o princípio do design em afetar a saúde e a arquitetura doméstica atender os preceitos higienistas sem os quais uma nação sucumbiria.

### **Higienistas, indústria e publicidade: o aspirador de pó**

Um evento seminal assinalou o conflito entre o conforto e a higiene: em 1884, a Exposição Internacional de Saúde, em Londres, apresentou o tema do design de casas saudáveis e seus utensílios, apoiados por uma

---

<sup>2</sup> Disponível em [http://www.epsiv.fiocruz.br/pdts/index.php?livro\\_id=6&area\\_id=2&autor\\_id=&capitulo\\_id=13&arquivo=ver\\_conteudo\\_2](http://www.epsiv.fiocruz.br/pdts/index.php?livro_id=6&area_id=2&autor_id=&capitulo_id=13&arquivo=ver_conteudo_2) acesso em julho de 2013.

publicação anterior cujo título é “Decoração e Móveis para Casas Urbanas”<sup>3</sup>. Estava então condenado qualquer móvel que pudesse abrigar pó com entalhes e frisos, acumulação de ornamentos inúteis e o uso de tecidos felpudos que retivessem a poeira (recomendação de tapetes e não carpetes), estofados de couro em vez de veludo e utensílios de mesas de formas mais simples e fáceis de limpar.

De todos os móveis discutidos, caberá destaque para a armação das camas (estrados) onde, ao dormir, não se percebe os perigos das condições do ar e, assim, recomenda-se o uso de ferro ou material fundido. No final do séc. XIX parte expressiva do mobiliário para a classe média e popular já incorporava traços “higênicos”.

A popularização do aspirador de pó pode ser entendida como exemplar em relação ao design de equipamentos, sua comercialização e a fobia contra a sujeira. A articulação entre higienistas reformadores, industriais e comercialização de produtos, no caso do aspirador de pó permite a compreensão plural de que não somente água corrente, banheiras e pias, mas também desodorantes, máquinas de lavar e sabão em pó fazem parte da multiplicidade de produtos e serviços que, em nome da saúde, não poderiam prescindir do cotidiano das famílias.

Na década de 1890, com o avanço da Teoria Microbiana (desde os trabalhos de Louis Pasteur<sup>4</sup>) e as preocupações com a aeração dos ambientes, especialmente os hospitalares ou os espaços públicos (teatros, lojas de departamentos), o aspirador, para os ambientes domésticos, figura como o único instrumento eliminador da “poeira letal” que se acumulava nos ambientes da casa.

Na década de 1900 surgem os primeiros aspiradores elétricos portáteis que poderiam ser operados por uma criada e relativamente barato. Desenvolvidos com escovas giratórias e bombas de sucção, não facilitavam a limpeza nem tinham aparência amistosa e segura; porém a realizavam com extrema eficiência e assim eram anunciados: de forma que as mães aceitassem o custo ou o transtorno do uso da peça, pois teriam em retorno um novo padrão de limpeza nos seu lares, mais seguro e mais desejável. Todo descaso com a limpeza era indesculpável, inferior e danoso à vida humana.

---

<sup>3</sup> *Decoration and Furniture of Town Houses*, de 1881, autoria de Coronel Sir Robert Edis (1839–1927), um arquiteto militar de expressão no estilo Queen Anne. Disponível em <http://www.twickenham-museum.org.uk/detail.asp?ContentID=436>, acesso em julho de 2013

<sup>4</sup> Louis Pasteur (1822 – 1895) pioneiro na microbiologia, pesquisador humanista que desenvolveu a técnica da vacinação (imunização) e que consolidou procedimentos e noções básicas de assepsia e esterilização de equipamentos nas ações cirúrgicas. Disponível em [http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art\\_31](http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_31) acesso em julho de 2013.

Assim, é a comercialização da limpeza e seu enraizamento entre os consumidores que conforma a estética da pureza, da beleza limpa, da arquitetura eficiente, do lar saudável, da “máquina de morar”<sup>5</sup>.

#### REFERÊNCIAS

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750**. Trad. de Pedro Maia Soares de *Objects of desire: design and society since 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

<http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos>

<http://www.epsjv.fiocruz.br>

---

<sup>5</sup> Expressão cunhada por Le Corbusier em referência à moradia para o séc. XX.